

SANTAELLA, Lucia. *Ética e criatividade na Inteligência Artificial*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2025.

[dx.doi.org/
10.23925/1984-3585.2025j32p348-350](https://doi.org/10.23925/1984-3585.2025j32p348-350)

Licensed under
[CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resenha do livro *Ética e criatividade na Inteligência Artificial*, de Lucia Santaella

Kalynka Cruz¹

Lucia Santaella e o destino simbólico da humanidade diante da inteligência artificial

O livro *Ética e criatividade na Inteligência Artificial*, de Lucia Santaella, publicado em 2025 pela Editora Estação das Letras e Cores, posiciona-se com rara lucidez no centro de uma das questões mais urgentes do nosso tempo: a consolidação da inteligência artificial como infraestrutura decisiva das sociedades digitais contemporâneas e os seus impactos éticos, estéticos, cognitivos e culturais.

Nome incontornável nos estudos de semiótica, cibercultura e cognição, Santaella não se limita à exposição técnica da IA. O que oferece aqui é outra coisa: uma reflexão imersiva, sustentada por rigor filosófico e sensibilidade crítica, sobre os efeitos simbólicos, epistemológicos e civilizatórios dessa tecnologia que, mais do que ferramenta, tornou-se meio. A obra, uma espécie de mapa cognitivo de l'IA, dá continuidade a uma série de publicações que enriquecem o panorama sócio-filosófico de l'IA. Lucia Santaella oferece uma reflexão rara e urgente sobre os impactos simbólicos, éticos e estéticos da IA nas sociedades digitais. Mais do que exposição técnica, Santaella constrói uma cartografia crítica em que ética e criatividade são campos vivos de tensão entre humanos e máquinas.

Ao longo de catorze capítulos, Santaella desvia da retórica tecnocrática e do sensacionalismo, propondo um pensamento que não busca respostas fáceis, mas que desestabiliza o leitor ao revelar a IA como meio invisível e transformador do sensível, do

¹ É professora pesquisadora da Universidade Federal do Pará e professora colaboradora do Programa de Tecnologias da Inteligência e design digital da PUC/SP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0677-511X>.

cognitivo e do cultural. O livro reúne textos escritos ao longo de cerca de dois anos, inicialmente publicados em diferentes espaços acadêmicos, agora reconfigurados em uma arquitetura coesa. O resultado é uma obra que transita entre o ensaio filosófico, a crítica cultural e a intervenção intelectual, sem perder de vista nem o especialista nem o leitor interessado em escapar da retórica tecnocrática e do sensacionalismo rasteiro.

Desde as primeiras páginas, a autora define com precisão o lugar de onde fala: não se apresenta como engenheira nem como designer de sistemas inteligentes, mas como pesquisadora das humanidades, ancorada na tradição peirciana, na filosofia da mente, nas ciências cognitivas e nos estudos da cultura digital. Seu foco está em dois eixos centrais, a ética e a criatividade, compreendidos não como categorias abstratas, mas como campos normativos, estéticos e políticos, que tensionam e atravessam as relações entre humanos e máquinas. Dividido em quatorze capítulos dispostos progressivamente, o livro parte de uma contextualização conceitual da IA, passa pelos seus impactos sociais e cognitivos, avança nos dilemas éticos e culmina na discussão sobre a criatividade na era da IA generativa.

Nos primeiros capítulos, a autora propõe uma analogia eloquente: assim como a eletricidade, a inteligência artificial é uma tecnologia de propósito generalizado, cujos efeitos se espalham de forma quase invisível por todas as dimensões da vida social. Invocando McLuhan, Santaella recusa a visão da IA como simples ferramenta — ela é meio técnico que reconfigura o sensível, o cognitivo, o cultural. É tecnologia que muda a forma como pensamos, criamos, organizamos o cotidiano.

A força do livro está justamente em desfazer simplificações: oposições rasas entre o humano e o artificial, idealizações ou demonizações da tecnologia, dicotomias fáceis. Para Santaella, IA e inteligência humana não são concorrentes numa olimpíada de capacidades: são modos distintos de processar o mundo. A inteligência humana é sensível, encarnada, situada. A IA opera em outra chave: estatística, probabilística, algorítmica. Não se trata de superioridade ou inferioridade, mas de especificidade.

É essa distinção que sustenta a recusa da autora tanto ao tecnofetichismo quanto à tecnofobia. A IA aparece, aqui, como tecnologia ambígua — e por isso mesmo, política. Está atravessada por disputas de poder, por interesses econômicos, por riscos sistêmicos, mas também por possibilidades emancipatórias. A dimensão ética ocupa um lugar central na obra. Santaella rejeita qualquer tentativa de reduzir a ética a listas de verificação, protocolos ou manuais de boas práticas. Inspirada em Peirce,

Foucault e Agamben, ela entende a ética como ciência normativa dos fins, uma reflexão sobre o que estamos fazendo com nossas ações e com as tecnologias que as mediam.

A autora introduz o conceito de *externalidades negativas da IA*, insistindo que esses efeitos colaterais não são exceções ou acidentes de percurso, mas sintomas estruturais. E por isso exigem formas de governança ética que sejam situadas, sensíveis ao contexto e ao campo de aplicação. Talvez um dos maiores méritos do livro seja sua capacidade de aliar densidade teórica à clareza argumentativa. Santaella escreve com precisão, mas sem hermetismo. Não quer impor conclusões, mas abrir caminhos de pensamento. Recusa tanto o presentismo quanto o fatalismo. E insere a IA numa longa genealogia das tecnologias cognitivas, da escrita aos sistemas generativos, desativando tanto o fascínio fácil quanto o medo paralisante.

Do ponto de vista crítico, é preciso reconhecer que o livro assume conscientemente a perspectiva das humanidades. Não entra em detalhes técnicos sobre arquiteturas de modelos, infraestrutura computacional ou engenharia de dados. Alguns leitores podem sentir falta disso. Mas a autora nunca prometeu outra coisa. Sua aposta é epistemológica e política.

Ela tampouco oferece “soluções” para os dilemas éticos que expõe. Em vez disso, propõe um gesto de resistência: pensamento paciente, prudência, responsabilidade e desconfiança diante das respostas prontas. *Ética e criatividade na Inteligência Artificial* é, em última instância, menos um livro sobre tecnologia e mais uma meditação sobre o destino simbólico da humanidade em tempos de máquinas pensantes. Leitura indispensável para quem quer pensar a IA para além do buzz, do hype ou do pânico. Santaella nos convida a pensar com rigor e imaginação. E nos lembra que, antes de nos perguntarmos o que a inteligência artificial pode fazer, talvez devêssemos nos perguntar o que queremos, como sociedade, fazer com ela.